

Os paratextos no século XXI: novos olhares, novas realidades

Paratexts in the 21st century: new perspectives, new realities

Fernanda Moro Cechinel

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar a evolução dos prefácios, a partir da análise desses nas edições brasileiras da *Divina Comédia*, publicadas entre os séculos XX e XXI, baseando-se no formato, na autoria e no conteúdo dos elementos paratextuais.

Palavras-chave: Prefácios. Edições brasileiras. *Divina Comédia*.

ABSTRACT: The aim of the present article is to present the evolution of prefaces, through their analysis in Brazilian editions of the *Divine Comedy*, published between the twentieth and the twenty-first centuries. The research is based on format, authorship, and in the content of the paratextual elements.

Key words: Preface. Brazilian editions. *Divine Comedy*.

No ano de 1968, a editora Oscar Mondadori, lançou *L'avventura d'un povero cristiano*, do escritor abruçês Ignazio Silone. No livro, além do desenrolar da trama, o leitor se depara com uma série de elementos paratextuais, dos quais, destacamos o que se intitula "Quel che rimane". Nesse paratexto introdutório à obra, o escritor remonta sua trajetória de pesquisas e deslocamentos em busca de reunir materiais para a escrita de seu texto, que torna fluído o limite entre realidade e ficção. Dificilmente, poderia se pensar nesse livro sem esse aparato, cuja existência contribui e muito para a inteligibilidade da trama.

L'avventura d'un povero cristiano narra o percurso vivido pelo eremita Fra Pietro Angelerio, seguida da sua eleição para ser papa, tornando-se Celestino V, seu breve e conturbado papado, cerca de três meses, posterior renúncia, prisão e morte. Tudo isso compreendido no espaço de tempo que vai de 1294 a 1295.

Alguns anos depois de ocorridos esses fatos, no início do século XIV, o escritor Dante Alighieri, devido a divergências políticas, era exilado de sua amada Florença. Logo, começou o seu vagar por várias cidades, cujo percurso certo é até hoje desconhecido, bem como, acredita-se, iniciou a escrita da obra que o colocaria no *hall* da literatura mundial, *Comédia*, que anos depois veio a ser *Divina*, tornando-se, *Divina Comédia*.

Diferentemente de Silone com *L'avventura d'un povero cristiano*, Dante, na sua *Divina Comédia*, não nos deixou um prefácio, o leitor teria então diante de si, "apenas" o texto dantesco.

Contudo, os séculos se passaram e o aparato paratextual que cerca a obra dantesca foi sendo criado e transformado. Eis que chegamos as edições brasileiras dessa obra. O leitor mudou, o contexto mudou, a língua mudou, o livro mudou, mas e os paratextos? Eles foram sensíveis a essas mudanças? Esse é o objetivo do presente artigo, tratar das mudanças paratextuais, ocorridas entre os séculos XX e XXI, tendo como base as edições brasileiras da *Divina Comédia*.

Esse artigo é fruto da disciplina “Os paratextos no século XXI: novos olhares, novas realidades”, ocorrida no segundo semestre de 2023, junto ao programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGLit), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ministrada, em parceria, pela autora desse artigo e a professora Silvana de Gaspari, responsável pela disciplina. A disciplina, por sua vez, foi fruto da tese *Commedia: paratextos das edições brasileiras do século XX (2023)*¹, cuja continuidade se deu por meio do Projeto Conectando Culturas (CNPq 407739/2022-0).

O Projeto Conectando Culturas, proveniente do Núcleo de Estudos Contemporâneos de Língua e Literatura Italiana (NECLIT), vinculado a UFSC, visa, por meio de diversas ações, colocar em debate questões relacionadas ao ensino de línguas, tradução, circulação de obras literárias e outras temáticas relevantes na contemporaneidade da área das Letras.

E um dos terrenos profícuos para essas reflexões foi a disciplina “Os paratextos no século XXI: novos olhares, novas realidades”, desenvolvida nas seguintes etapas: panorama sobre aspectos centrais dos paratextos segundo Gérard Genette (2009); reflexões sobre as transformações ocorridas com tais elementos ao longo dos anos; relação desses elementos com o livro, especialmente a partir das obras literárias traduzidas, cujo foco recaiu nos paratextos no século XXI e sua relação com o digital.

O ponto de partida da disciplina foi a ambientação dos presentes acerca dos paratextos, por meio de um breve panorama histórico e características desses elementos. E nesse momento, uma das primeiras constatações foi que, apesar dos paratextos serem um termo desenvolvido pelo francês Gérard Genette, nos anos de 1980 e o considerável número de pesquisas nessa área, dentro da academia, ao menos no grupo participante dessa disciplina, era um termo pouco explorado.

¹ Link de acesso a tese: <https://tede.ufsc.br/teses/PLIT0925-T.pdf>

Ultrapassada essa primeira etapa, num segundo momento, mostrou-se desafiador sair da perspectiva do paratexto pela tradução e trabalhá-lo pela perspectiva da literatura.

Nossa proposta não é romper com a tradução, até porque acreditamos que os paratextos, ao pensarmos na literatura traduzida, estão situados no limiar entre tradução e literatura, mas sim, propor um novo olhar, um novo viés para os estudos paratextuais, ou seja, um olhar que tenha como ponto de partida e base, a literatura.

Se pensarmos, em breves linhas, no caso brasileiro, partimos do fato de que a atividade editorial no país é recente, data de pouco mais de 200 anos. Quando a produção livreira começou no país, o público e as publicações eram exíguos, por isso lançou-se mão da tradução. E o que deveria constar nessas edições de traduções?

Possivelmente, das obras traduzidas no começo do século XX, alguns títulos eram conhecidos do público letrado. Todavia, para uma parcela de leitores, aquele poderia ser o primeiro contato com aquela obra literária, que provinha do exterior. Sendo assim, os paratextos aqui cumpriam o papel de, além de apresentar a obra literária ao seu leitor, localizá-la dentro da literatura mundial. Um exemplo disso, encontramos no prefácio de Antonio Piccarolo, no qual há a contextualização da obra no tempo e no espaço: “[...] achamos indispensável iniciar este breve estudo sobre Dante e sua obra, com um quadro geral das condições históricas em que o poeta viveu e escreveu o seu poema imortal” (PICCAROLO, 1946, p. XII).

Podemos pensar, também, que os paratextos de obras traduzidas tinham e têm como função fisgar o leitor para a leitura de uma obra estrangeira em detrimento de uma nacional, para tanto, reitera-se a importância da obra.

Por sua vez, após o mercado de obras literárias traduzidas já estar consolidado, chega a hora das reedições, que poderiam se apresentar com paratextos de edições anteriores, até pensando numa recuperação histórica ou até mesmo, novos paratextos, substituindo os anteriores, indicando uma nova inserção da obra no tempo. Um estudo da obra, mostrando sua maturidade ou refletindo aspectos ligados à tradução, também pode ser uma opção desse tipo de paratexto.

E é esse pensar a evolução dos paratextos a partir da literatura que conduzirá esse artigo. Nosso recorte aqui serão os prefácios, cuja análise dar-se-á a partir de três aspectos: formato, autoria e conteúdo.

Como indicado anteriormente, não há dados bibliográficos que indiquem a existência de um prefácio original da *Divina Comédia* feito por Dante Alighieri. Há uma corrente de pesquisadores, dentre os quais Giorgio Petrocchi, que tem o primeiro canto do Inferno, como sendo uma introdução à obra.

Ao lermos algumas introduções presentes nas edições da *Divina Comédia*, encontramos alguns prefaciadores que ratificam esse pensamento. Como exemplos, podemos citar a edição de 1907, na qual, o editor, H. Garnier, indica que a obra “[...] consta de três partes: Inferno, Purgatório e Paraíso [...]. Cada uma dessas partes consta de 33 cantos, tendo a primeira mais um como introdução” (GARNIER, H., 1907, p. VI-VII). Bem como, a edição bilíngue da Editora 34, cuja “Nota biográfica de Dante Alighieri”, também indica esse primeiro canto do Inferno como introdução ao texto dantesco:

O poema é dividido em três livros, cada um formado por 33 cantos (com exceção do Inferno, com 34, já que o primeiro canto serve de introdução ao conjunto do poema), escritos em terceto de decassílabos rimados de modo alternado e encadeado [...]. (Alighieri, 2004, p. 238).

Contudo, em outros prefácios, como o escrito por J.A. Xavier Pinheiro, para a edição de 1918, considera o canto I como integrante do Inferno, perfazendo 34 cantos, “[...] que traduziu os 34 cantos do << Inferno >>, os 33 do << Purgatório >> e os 33 do << Paraíso >>” (1918, s.p.).

De acordo com Genette, o prefácio original, quando junto a sua obra – recurso utilizado nos primórdios dos prefácios devido a uma questão de economia - deveria conter: “invocação à musa, anúncio do assunto [...] determinação do ponto de partida [...] justificativas da dedicatória” (GENETTE, 2009, p. 147).

Ao lermos o primeiro canto do Inferno e cotejarmos com as características apresentadas por Genette (2009), não observamos diretamente uma “invocação à musa”, mas algo similar, uma espécie de pedido de Dante a Virgílio para que esse o deixasse segui-lo. Virgílio responde que o guiará até determinado ponto e que, depois, uma alma mais nobre - Beatriz - o conduzirá:

- “Vate, rogo-te” – eu disse – “me concede,
Por esse Deus, que nunca hás conhecido,
Porque este e maior mal de mim se arrede.

Que, até onde disseste conduzido,
À porta de São Pedro eu vá contigo
E veja os maus que houveste referido”
(Alighieri, 1995, Inferno, Canto I, vv 131-135)

Sobre o “anúncio do assunto”, ou seja, a viagem pelo mundo dos mortos, temos:

Na morte há pouco mais de acerbidade;
Mas para o bem narrar lá deparado
De outras cousas que vi, direi verdade.
(Alighieri, 1995, Inferno, Canto I, vv 7-9)

Por sua vez, a “determinação do ponto de partida” são os célebres versos que iniciam o canto I:

DA nossa vida, em meio da jornada,
Achei-me numa selva tenebrosa,
Tendo perdido a verdadeira estrada.
(Alighieri, 1995, Inferno, Canto I, vv 1-3)

E, por fim, as “justificativas da dedicatória” não as vemos explicitamente, contudo acredita-se que Dante tenha escrito a sua *Divina Comédia* para que o homem medieval pudesse ter consciência de que é a sua trajetória em vida que o conduzirá, após a morte, a ocupar o inferno, o purgatório ou o paraíso.

Ao total, selecionamos 22² edições da obra dantesca, publicadas no Brasil entre os séculos XX e XXI. Essa seleção teve, basicamente, três critérios. Primeiramente, partimos da lista de edições cadastradas no Dicionário Bibliográfico de Literatura Italiana Traduzida (DBLIT)³, dessa, fomos reunindo as edições que conseguimos ter acesso e, de acordo com a disponibilidade de tempo, foram possíveis de serem analisadas.

² Contudo, para efeitos de cálculos utilizaremos 21 edições, já que, no ano de 1946, duas edições idênticas foram lançadas, uma pela Edigraf e outra pela Leia. Apesar de, na edição da Edigraf constar o indicativo “Copyright da Livraria Editôra Importadora Americana (1946) – gentilmente cedido à GRÁFICA E EDITÔRA “EDIGRAF” LTDA. para esta edição especial” e, acreditarmos que Leia significa Livraria Editôra Importadora Americana, não encontramos outros documentos que respaldem tal pensamento.

³ Link de acesso ao Dicionário: <https://www.dblit.ufsc.br/>

Das edições selecionadas, 3 não possuíam prefácios, 1 edição do século XX e 2 edições do século XXI. As três edições sem textos introdutórios são dos anos de 1931, 2002 e 2020.

A edição de 1931 pertence à editora João do Rio, contendo o Purgatório. Vale ressaltar que, essa edição foi publicada originalmente em fascículos e a edição do ano anterior, contendo os cantos do Inferno, possuía prefácios, logo, isso pode nos indicar que, originalmente, esses materiais pretextuais possam ter existido, mas com o passar do tempo, na edição analisada, foram extraviados.

A edição de 2002 publicada pela Editora Nova Cultural, trata-se, segundo dados indicados na própria edição, de uma publicação patrocinada pela empresa Suzano, as indicações paratextuais que circundam o texto dantescos são, na verdade, publicidades relacionadas a empresa patrocinadora, não se caracterizando como prefácios ou posfácios. Todavia, essa edição se destaca por um episódio ocorrido fora das páginas do livro. Quem assina a tradução é Fábio M. Alberti, contudo, descobriu-se que, na verdade, a tradução ali contida é de Hernani Donato, causando problemas jurídicos na época da publicação⁴. Curioso notar que não se tem informações sobre quem seria Fábio M. Alberti, se se trata de um pseudônimo ou mesmo se foi uma criação da editora. Semelhante fato ocorre com o tradutor da edição da João do Rio, mencionada anteriormente, Dr. César Augusto Falcão, cujos dados também não se encontram.

A outra edição sem prefácio foi lançada em 2020, pela editora Principis, em três volumes – Inferno, Purgatório e Paraíso – contendo a tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. Do tradutor também analisamos outras edições: 1907, 1918, 1946 e 2002, todas elas constando de, ao menos, um prefácio com autoria diferente para cada edição. As editoras responsáveis pelas publicações também mudaram no decorrer dos anos, Garnier, editor Jacintho Ribeiro dos Santos, Leia/Edigraf e Martin Claret, respectivamente.

Desse dado, podemos refletir e nos questionar sobre a continuidade da existência dos prefácios na atualidade, sobretudo em edições de textos que pertencem, originalmente, a tempos longínquos, como é o caso da *Divina Comédia* e que já possuem grande quantidade de edições.

⁴ Mais informações sobre o ocorrido: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2606200907.htm> e https://www.lpm-editores.com.br/site/default.asp?TroncoID=805136&SecaoID=816261&SubsecID=0&Template=../artigosnoticias/user_exibir.asp&ID=638229

Se pensarmos na pré-história dos prefácios, segundo as indicações de Genette (2009), eles integravam o texto, com o passar dos anos e as mudanças ocorridas editorialmente, o prefácio foi se descolando do texto e assumindo características próprias, ocupando seu espaço no livro e tendo como uma de suas funções principais apresentar o texto ao leitor. Temos também que, aqui no Brasil, a introdução do texto dantesco, em português, ocorreu ainda no século XIX, com a tradução de alguns cantos, feita por Luiz Vicente de Simone, em seu *Ramalhete poético do parnaso italiano* (1843), seguidas de inúmeras publicações ao longo do século XX, sendo assim, o texto dantesco já teria sido mais do que apresentado. E ainda, se acrescentarmos também que, o leitor atual tem a facilidade da internet para buscar informações, talvez, possamos sim pensar que o prefácio em edições com essas características, estaria ameaçado.

Todavia, se pensarmos que os prefácios da *Divina Comédia* abarcam muito mais do que uma apresentação do poema dantesco, mas contribuem, por exemplo, para tornar a leitura desse texto mais inteligível ao leitor dos novos tempos, acreditamos que esse elemento paratextual introdutório continua sendo necessário. Logo, esse pensar ou não a existência do prefácio em uma obra literária estaria atrelada ao objetivo da publicação e ao conteúdo que se deseja expor. Adiante, ao tratarmos do conteúdo dos prefácios analisados, retornaremos a essa discussão.

Ainda sobre os prefácios para as edições de José Pedro Xavier Pinheiro podemos pensar na sua perenidade. Quanto dura um prefácio? Nesse caso, cada edição contou com ao menos um diferente. Na edição de 1907 era o filho do tradutor quem escreveu. Na edição de 1918, encontramos o editor, Jacintho Ribeiro dos Santos, e mais dois prefácios do filho do tradutor. Um lembra muito o prefácio da edição de 1907, mas com diversos acréscimos e ajustes textuais, o outro um novo texto. Em 1946 é Piccarolo, que apresenta a obra de dantesca, por meio de um estudo que perpassa política, vida e obra do autor.

Aqui, podemos inferir que as mudanças ocorreram porque se trata de editoras diferentes, mas ampliando nosso olhar, podemos dizer que os prefácios têm a sua razão de ser, muitas das vezes querem transmitir uma mensagem para além da obra a ser lida e refletem o momento histórico.

A exemplo, o prefácio para a edição da tradução José Pedro Xavier Pinheiro de 1907, menciona políticos que podendo ajudar na publicação da obra, não a fizeram. Talvez, continuar sob essa perspectiva, não caberia mais aos leitores dos anos vindouros.

O primeiro aspecto analisado, como mencionado anteriormente, foi quanto ao formato dos prefácios: majoritariamente, eles se apresentam com textos em prosa e distribuídos ao longo de toda página. As exceções ficam por conta da edição da Livraria Americana, de 1920, na qual há também um soneto de autoria do próprio tradutor, Eduardo Guimaraens. Tal soneto possui relação com a tradução que virá na sequência, nesse caso, o canto V do Inferno. E as edições da Leia/Edigraf de 1946, cujo texto é apresentado sempre em duas colunas.

Alguns prefácios são precedidos ou encerrados com ilustrações, geralmente são imagens de perfil de Dante, do tradutor ou do editor. A edição de 1930, da João do Rio, destaca-se, pois, como foi publicada originalmente em fascículos, cada fascículo é precedido de uma imagem relacionada ao canto que o compõe. Outra edição que contém nos seus elementos pretextuais uma gama de representações artísticas é a edição de 2020 da Kotter Editorial. Aqui, possivelmente, a atuação do prefaciador, Alessandro Ubertazzi, e do tradutor, que também escreveu textos introdutórios para a edição, Milton de Andrade, possam ter influenciado a existência de imagens. Ubertazzi, segundo consta em nota, é arquiteto, já o tradutor tem sua formação e atuação na área das artes cênicas.

Nas edições do século XX, as páginas prefaciais ou não eram numeradas ou tinham numeração em algarismos romanos ou arábicos, já naquelas pertencentes ao século atual, todas são numeradas em arábico. O estilo da letra também se altera, entre itálico e normal. As notas de rodapé também são uma constante ao longo dos dois séculos, desde algumas poucas que indicam a formação e atuação profissional do autor do prefácio, até outras que listam bibliografias ou citações de textos dantescos.

Dentre os materiais paratextuais analisados, alguns possuem títulos e subtítulos, outros apenas vem com a indicação de prefácio, introdução, advertência ou nota do editor. Há também aqueles não intitulados. Epígrafes também não são raras, assim como, a indicação de localização e ano de escrita do paratexto, ao seu final.

Percebemos também que, boa parte do material analisado, são textos que foram feitos para a edição. Exceção válida para a edição de 1976, das editoras Itatiaia e Edusp,

cujo texto introdutório, de autoria do tradutor, Cristiano Martins, trata-se, como indicado em nota de rodapé, de texto utilizado por ele em evento sobre Dante Alighieri.

Sobre os números de páginas desses textos introdutórios, não percebemos que há uma constante, isso varia bastante, independente do século. Logo, percebemos que, ao menos em relação ao formato, não se nota grandes diferenças.

E quem são as pessoas que assinam esses peritextos? Do montante total das edições, 11 delas possuem, ao menos, um dos textos introdutórios escritos pelos respectivos tradutores. Sendo que, no século XXI, apenas uma edição não possui um prefácio escrito pelo seu tradutor, trata-se da edição da Martin Claret, de 2002, cuja tradução é de José Pedro Xavier Pinheiro. Isso pode nos indicar que dar preferência a escrita do prefácio a quem foi responsável pela tradução é privilegiar alguém que conhece o texto que será lido pelo leitor. Espera-se que quem traduz poderá falar com mais propriedade do texto traduzido.

No século XX, três edições possuem peritextos escritos pelos seus editores, 1907, H. Garnier, 1918, Jacintho Ribeiro dos Santos e 1947, os Editores da editora Aurora, apesar de não sabermos quais os seus nomes. Já no século XXI, temos apenas a já referida edição da Martin Claret, cujo paratexto por ele escrito, não possui ligação com o texto dantesco, o que nos leva a acreditar que se trata de material que integra todos os volumes pertencentes à coleção Série Ouro. Por outro viés, ter o editor como escritor dos prefácios pode ir ao encontro do objetivo daquela edição, privilegiando a publicização da publicação em detrimento do texto dantesco.

Por outro lado, verificamos ainda, algumas edições cujos prefácios foram escritos por parentes dos tradutores. A edição de 1907 da Typografia do Instituto Profissional Masculino, escrita por J.A. Xavier Pinheiro, filho do tradutor José Pedro Xavier Pinheiro, trata-se de uma edição póstuma, ou seja, publicada após a morte do tradutor. Novamente, o filho de Xavier Pinheiro acrescenta novas informações ao prefácio anterior e escreve um outro para a edição de 1918 do Editor Jacintho Ribeiro dos Santos. No ano de 1947, a Editora Aurora publica a edição com tradução de Malba Tahan e prefácio, de seu irmão, João Batista de Mello e Souza. E, em 2011, editado pela Ateliê Editorial, Zilmar Ziller Marcos escreve um dos prefácios, para a edição que contém a tradução da *Divina Comédia* feita pelo seu avô, João Trentino Ziller. O que pode ter motivado essa escolha? Com exceção da edição de 1947, as demais foram publicadas após a morte de seus

tradutores. Edições que funcionaram também como uma homenagem àqueles que contribuíram para a inserção do texto dantesco no Brasil.

Além dos prefácios de autoria não identificada, somados aos escritos pelos tradutores, pelos editores ou pelos parentes dos tradutores, temos um outro grupo, que denominamos prefácios escritos por terceiros, ou seja, pessoas que não se encaixam nos grupos anteriormente mencionados. Esses terceiros aparecem nas edições de: 1942 pela Edições Cultura, 1946 pela Leia/Edigraf, 1998 pela Editora 34, 2011 pela Ateliê Editorial e 2021, uma edição da Fundação Antonio Meneghetti e outra pela Kotter Editorial.

Em 1942, temos como escritor do prefácio, José Pérez, advogado cujo nome é associado aos estudos da obra de Miguel de Cervantes (FONSECA, 2017). Pela Edições Cultura, Pérez foi o responsável, pelo menos, por duas coleções: Os mestres do pensamento e Os mestres da língua. Na primeira coleção, a princípio toda publicada em 1942, além da *Divina Comédia*, de Dante Alighieri; há *Dom Quixote de la Mancha*, de Cervantes; *Lírica*, de Safo e *Obra*, de Heine. Já da outra coleção, encontramos *Óperas*, de Antônio José da Silva.

Em 1946, o prefácio ficou a cargo de Piccarolo, italiano, que viveu e morreu no Brasil, foi professor e pensador socialista e um dos idealizadores da Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, em 1931 (HEISE, 2011). De Dante, Piccarolo também prefaciou *Vida Nova* (1937), da Athena Editora, com tradução de Paulo M. Oliveira e Blasio Demetrio, pseudônimo adotado por Fúlvio Abramo. E traduziu, junto com Leonor Aguiar, a obra *Da Monarquia* (1950), publicada pela W.M. Jackson (ARRIGONI, 2011).

Carmelo Distante, responsável por um dos textos introdutórios da edição de 1998 pela Editora 34, assim como Piccarolo, era italiano e foi professor no Brasil, entre as décadas de 1980 e 1990 na Universidade de São Paulo (USP). Um outro professor, com atuação na USP é João Adolfo Hansen, responsável por um dos prefácios para edição de 2011 da Ateliê Editorial.

Em 2021, pela Fundação Antonio Meneghetti temos elementos paratextuais escritos por Clarissa Mazon Miranda e Rafael Padilha dos Santos, que também possuem atuação como professores universitários. Além de Alessandro Ubertazzi, responsável por um dos prefácios da edição da Kotter Editorial, que como dito anteriormente é arquiteto, mas também foi professor na Universidade de Florença.

Essa ligação com a Itália, seja por nascimento, seja por descendência ou por estudos desenvolvidos na área de italianística, somados ao perfil acadêmico, são características que unem, boa parte dos prefaciadores das edições brasileiras da *Divina Comédia*, ao longo dos séculos XX e XXI. Nos levando a pensar também que, o gérmen dessas diversas traduções da obra de Dante no Brasil, possa estar situado nas instituições de ensino superior, proveniente, provavelmente, de projetos de pesquisa desenvolvidos nesses locais.

E esse perfil acadêmico dos prefaciadores está em estreita ligação com o conteúdo desses pretextos por eles produzidos. Os prefácios analisados somam quase 500 páginas de conteúdo que atravessam dois séculos e que, se fossem detalhados aqui, extrapolariam as páginas de um artigo. Por isso, vamos pontuar os elementos que mais nos chamaram a atenção em todo esse material.

Em 1907, ano de duas publicações de traduções diferentes da *Divina Comédia*, temos, de um lado o prefácio escrito por J.A. Xavier Pinheiro, cujo teor é voltado para manifestar sua insatisfação quanto à demora, cerca de 20 anos, na publicação da tradução feita pelo seu pai, bem como, render homenagem ao seu pai por meio de uma pequena biografia. Logo, Dante e a sua *Divina Comédia* são negligenciados. Já no prefácio da outra edição, esse escrito pelo editor, o leitor deparar-se-á com informações sobre as traduções da obra que circulavam na época, comentários elogiosos sobre a tradução que estava sendo publicada e, ao final, uma longa citação, que ocupa boa parte das 12 páginas do texto introdutório, cujo conteúdo é um resumo da obra dantesca que será lida na sequência.

Destacamos também o prefácio de Cristiano Martins, para a edição de 1976, no qual parece haver uma maior preocupação em mesclar fatos da vida do autor com o seu texto e, privilegiando a obra *Vida Nova*, ao invés da *Divina Comédia*.

Dos primeiros prefácios até agora, no século XXI, percebemos semelhanças quanto aos elementos que constituem esses paratextos, como o resumo da *Divina Comédia*, outros, trazem também informações quanto a vida de Dante Alighieri, com enfoque a política de Florença na época que viveu o escritor e conseqüentemente o seu exílio. Outros apresentam as hipóteses entorno da relação entre Dante e Beatriz, outros mais trazem dados das demais obras escritas pelo autor.

Destacamos, em particular, o prefácio escrito pelas tradutoras, Maria Teresa Arrigoni e Silvana de Gaspari, publicado pela Editora da UFSC, em 2023. Ambas professoras universitárias, descendentes de italianos, estudiosas de Dante Alighieri. Na apresentação da obra, “Dante e seu tempo, Dante e nosso tempo: perspectiva e caminhos de uma tradução”, elas elucidam as reverberações do texto dantesco ao longo dos seus sete séculos de existência, desde outras obras literárias, pesquisas acadêmicas, filmes, até samba enredo e *games*. Além disso, as tradutoras-prefaciadoras mostram as suas preocupações, que também se tornam umas das justificativas da edição, “a legibilidade do texto” (ARRIGONI; GASPARI, 2023, p. 6) dantesco. Como aproximar a *Divina Comédia* do leitor do século XXI? E além de aproximar, como torná-la legível a esse leitor? Foi esse o desafio que as tradutoras tentaram sanar ou ao menos reduzir, ao optarem por atualizarem a tradução do Barão da Villa da Barra, feita no século XIX, sendo publicada pela primeira vez em 1888, novamente publicada em 1907, retomada em 1942 e adormecida até essa nova edição de 2023.

E esse não apenas ler, mas entender a *Divina Comédia*, parece ser um norte não só para as diversas traduções e edições que não param de ser lançadas, mas também para as pesquisas entorno da obra. Olhar a *Comédia* de Dante através dos seus paratextos é apenas uma dessas possibilidades. Revelando que o texto de Dante atravessou e atravessará séculos, devido não só a genialidade do seu autor, mas também a sua constante capacidade de se reinventar. Reinvenção essa que ocorre a cada novo olhar lançado, seja por meio de novas traduções, edições ou pesquisas. Dante Alighieri e a sua *Divina Comédia* são um terreno frutífero, no qual ainda há espaço para muitos outros frutos.

Referências

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Atena Editora, 1995. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/divinacomedia.html>. Acesso em: 11 set. 2022.

ARRIGONI, Maria Teresa. Em busca das obras de Dante em português no Brasil (1901-1950). In: PETERLE, Patricia (org.). **A literatura italiana no Brasil e a literatura brasileira na Itália**: sob o olhar da tradução. Tubarão: Copiart, 2011. p. 43-59.

FONSECA, Maria Gabriella Flores Severo. **Paratextos de Edições Brasileiras do Quixote**. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) - Programa de Pós-graduação em Letras e Artes, Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, 2017.

GARNIER, H. Advertencia do editor. 1907. In: ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução de Barão da Villa da Barra. Rio de Janeiro/ Paris: Garnier, 1907. p. V-XVI.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

HEISE, Pedro Falleiros. **Momenti della presenza dantesca in Brasile: dal 1843 al 1965**. 2011. (Tesi di Dottorato) – Facoltà di Lettere, Università degli Studi di Roma ‘Tor Vergata’, Roma, 2011.

NOTA... 2004. In: ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. v.3., Tradução de Italo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2004. p. 239.

PICCAROLO, Antonio. Dante Alighieri e sua obra. 1946. In: ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. São Paulo: EDIGRAF, 1946. p. XI-LXII

PINHEIRO, J. A. Xavier. A segunda edição. 1918. In: ALIGHIERI, Dante. **Divina Comédia**. Rio de Janeiro: Editor Jacintho Ribeiro dos Santos, 1918.

Edições selecionadas da *Divina Comédia*

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comedia**. Tradução de Barão da Villa da Barra. Rio de Janeiro/ Paris: Garnier, 1907.

ALIGHIERI, Dante. **Divina Comedia**. 3.v. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. Capital Federal: Typografia, 1907.

ALIGHIERI, Dante. **Canto Quinto**. Tradução de Eduardo Guimaraens. São Paulo. Livraria Americana, 1920. Disponível em: <https://eduardoguimaraens.com.br/obra>. Acesso em: 28 jan. 2021.

ALIGHIERI, Dante. **Divina Comedia**. 3.v. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. Rio de Janeiro: Editor Jacintho Ribeiro dos Santos, 1918.

ALIGHIERI, Dante. **O Inferno**. Tradução de Joaquim Pinto de Campos. Rio de Janeiro: João do Rio, 1930.

ALIGHIERI, Dante. **O Purgatorio**. Tradução de César Augusto Falcão. Rio de Janeiro, 1931.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução de Barão da Villa da Barra. São Paulo: Cultura, 1942.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. v.1., Tradução de Malba Tahan, Rio de Janeiro: Gráfica e Editora, 1947.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: PINHEIRO, J.A. Xavier. Edigraf, 1946.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução de José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Leia, 1946.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. Tradução de Cristiano Martins. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/ Edusp, 1976.

ALIGHIERI, Dante. **6 Cantos do Paraíso**. Tradução de Haroldo de Campos, CAMPOS, Haroldo de. São Paulo: Fontana/ Instituto Italiano de Cultura, 1976.

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. 3.v., Tradução de Italo Eugênio Mauro. São Paulo: Editora 34, 1998/2004.

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Tradução de Fábio M. Alberti. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2002.

ALIGHIERI, Dante. **Divina comédia**. Tradução de Xavier Pinheiro. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002/2004.

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Tradução de Eugênio Vinci de Moraes. Porto Alegre: L&PM Editores, 2016.

ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Tradução de Xavier Pinheiro. Jandira: Principis, 2020.

ALIGHIERI, Dante. **Divina comédia**. Tradução de João Trentino Ziller. Cotia: Ateliê Editorial, 2021.

ALIGHIERI, Dante. **Divina Comédia: Inferno**. Tradução de José Clemente Pozenato. São João do Pôlesine: Fundação Antonio Meneghetti, 2021.

ALIGHIERI, Dante. **Inferno: Comédia**. Tradução de Emanuel França de Brito; Maurício Santana Dias; Pedro Falleiros Heise. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

ALIGHIERI, Dante. **Inferno**. Tradução de Milton de Andrade. Curitiba: Kotter, 2021.

ALIGHIERI, Dante. **Divina comédia: Inferno**. Tradução de Maria Teresa Arrigoni; Silvana de Gaspari. Florianópolis: Editora da UFSC, 2023.

Data de submissão: 24/05/2024

Data de aceite: 01/10/2024